

**Projeto do Programa PROBIC na área de** Morfologia Urbana em Arquitetura e Urbanismo

**Título do projeto proposto:** Morfologia Urbana – Transformações urbanas das vilas do séc. XVIII – Estudo de caso de Barbacena-MG

**Coordenador do projeto:** Prof. M.Sc. Luís Otávio Campos Faustino Vieira

**Aluno:** Frederico Ozanam de Melo Souza

**Colaboradores (se houver):** Gabriela Cristina de Sousa Silva, Lucas dos Santos Augusto, Felipe Santarosa de Souza

**Autor(a)(es) do texto:** Frederico Ozanam de Melo Souza

**Vigência do projeto:** 20/04/18 a 20/04/19

O desenvolvimento espacial de Barbacena e a atuação do arquiteto nos problemas sociais urbanos

O território onde se localiza a cidade de Barbacena teve como habitantes iniciais os índios Puris, porém foram com as expedições bandeirantes que a região foi ocupada permanentemente, na localidade conhecida por Borda do Campo. Da fazenda da Borda do Campo, próxima da junção dos Caminhos Velho e Novo e de propriedade de Garcia Rodrigues, formou-se o assentamento que originou a cidade.

A abertura do Caminho Novo, em 1698 por Garcia e Domingos Rodrigues, foi fator determinante para o desenvolvimento do povoado, uma vez que, tornou-se passagem obrigatória dos viajantes indo ou vindo da região das minas e do Rio de Janeiro.

A posição geográfica privilegiada permitiu que o povoado se desenvolvesse, mesmo não estando diretamente ligada à exploração do ouro. Dessa forma, Barbacena surge da ocupação que se fez presente durante o Ciclo do Ouro, sem com que haja uma ocupação e expansão coordenada, assim como as demais vilas surgidas no período.

Por conta da expansão desordenada, a Morfologia Urbana, definida como sendo o estudo das características e transformações das cidades, torna-se ainda mais necessária para compreender a ocupação do espaço. É um estudo complexo que demanda pesquisa, leitura do contexto e interpretação de um organismo urbano da micro à macroescala.

O entendimento da formação e expansão da malha urbana possibilita a identificação dos impactos positivos e negativos na estrutura da cidade. Dessa forma, as dinâmicas de funcionamento da cidade podem ser aprimoradas, resultando em uma melhor gestão do ambiente urbano tanto por parte do poder público, quanto pelos próprios moradores.

Existem duas correntes de Morfologia Urbana que possibilitam esse tipo de estudo. A primeira, Escola Italiana de Morfologia Urbana segue seus princípios nas ideias de Severio Muratori. A abordagem de estudo principal segue alguns princípios: identificação e classificação de edifícios tal como é e como foram dadas suas mutações; estudo das formações de conjuntos e tecidos urbanos vinculados às leis que os monitoram; análise das primeiras rodas feitas no período de ocupação urbana.

Basicamente, essa metodologia segue o parâmetro de mutações culturais e do tempo, visando compreender o tecido urbano. Tais mudanças podem ser classificadas como diacrônico, quando o tipo das edificações varia de forma cronológica numa mesma área cultural; diatópico, que se resume em transformações de um tipo de edificações em diferentes regiões geográficas; e sincrônico, referindo às repetições de um tipo de edificação mesmo quando não se enquadra na situação.

A outra escola de morfologia estudada fora a Inglesa, originada por Michael Roberto Günter Conzen que iniciou seus estudos baseados na paisagem urbana e no tempo. Ele investigou as mudanças urbanas e também, a permanência das coisas com o tempo. Este tipo de estudo é baseado na Visão Tripartite, um método definido em: Plano Urbano, Tecido Urbano e Padrão de Uso e Ocupações (solo/edificação).

O primeiro é a estrutura morfológica que contém os outros o tecido urbano e o padrão de uso e ocupação do solo. O plano urbano remete à adequação do

sistema de ocupação com a topografia do local. Já o segundo método caracteriza a semelhança de lotes (edifícios e solos) em quarteirões, determinando o padrão de uso e ocupação.

Contudo, o estudo morfológico por si só é incompleto sem o entendimento de como se deu a ocupação efetiva de Minas Gerais, pelos portugueses, começou a partir do final do séc. XVII, com a descoberta das primeiras jazidas de ouro e que levaram à exploração e ocupação do território mineiro

A primeira Vila do Ribeirão do Carmo, que foi elevada à categoria de cidade, em 1745, com o nome de dona Maria Ana d'Áustria. No decorrer do século XVIII, Minas Gerais tornou-se uma das principais fontes de riqueza do Império Lusitano.

A primeira influência urbana portuguesa foi a implementação da cidade de Salvador, em 1549, obedecendo as recomendações da carta de D. João III quanto a implantação, aeração e presença de água com facilidade.

O urbanismo português se transportou para Salvador, introduzindo Largos, determinando posição de Igrejas e fazendo muralhas de madeira e pau-a-pique protegendo a cidade. O traçado se tornou mais regular por ocasião do período do Domínio Espanhol (1580-1640), ainda assim, é comum em cidades do período colonial, a existência de vias que se alargam e se retraem sem um ordenamento. Becos e vielas que subitamente desembocam em grandes largos com templos majestosos encravados em meio a um emaranhado de ruas sem qualquer planejamento direcional, criando uma rede viária desordenada e caótica.

A cidade portuguesa era fundada com preferência na implantação das igrejas em locais altos, às vezes precedidos de escadas, criando uma paisagem cenográfica onde as vias se formavam no entorno dessas igrejas, em uma expansão orgânica, sem um direcionamento mais profundo do que a simples ocupação de caminhos pré-existentes ou derivados destes. Esta ocupação com templos religiosos ocupando as áreas mais altas segue o mesmo padrão observado nas cidades da Grécia Antiga. (BENEVOLO, 2001)

A ocupação portuguesa é visível no desenho de Barbacena no seu eixo inicial de ocupação, com a Igreja de Nossa Senhora da Piedade situada em uma crista de morro e com a cidade se desenvolvendo ao seu redor.

Posteriormente, o processo industrial brasileiro reflete a crescente influência inglesa, sendo os ingleses, quase sempre, autores das principais implantações modernas, tais como as primeiras estradas de ferro, primeiras fundições modernas, primeiro cabo submarino, primeiras moendas de engenho modernas de açúcar, primeira iluminação a gás, primeiros barcos a vapor e redes de esgoto.

A Revolução Industrial representou a transição entre a manufatura e o emprego das máquinas que influenciou no êxodo rural sob forte demanda de trabalhadores trocando sua mão-de-obra em troca de salário. Sendo a Inglaterra o palco da Revolução Industrial, sua organização do trabalho e da produção, se expandiu pelo mundo junto com a industrialização. No contexto urbano brasileiro, no início do século XIX, com o alterado número de trabalhadores industriais, passou a haver necessidade de construção de novas moradias próximas às fábricas. Advinda da Europa, resultou na formação das cidades industriais emergiu no Brasil, inicialmente, com o surgimento das chamadas “vilas operárias”.

Para que os trabalhadores se estabelecessem próximo aos seus locais de trabalho, a estratégia seria que os donos das empresas construíssem moradias para eles. Isso garantia domínio, prontidão, economia e agilidade. Diversas empresas aderiram ao feitio dessas vilas porque houve resolução do problema de locação da classe trabalhista. Essa dinâmica fora trabalhada por empresas públicas, com incentivos fiscais, e privadas e precisava estabelecer preços acessíveis à uma classe desprovida. E, de um outro lado, qualquer um que dispunha de um terreno, construiria e usava do aluguel, aproveitando o momento.

Em virtude da instalação de empresas como a de tecido, ferrovias e mineração, houve-se um inchaço populacional. Por isso a necessidade da criação de moradias específicas para operários. Elas são caracterizadas por serem um aglomerado de casas com forma repetidas dispostas em blocos formando uma comunidade com interesses comuns. Essa nova organização espacial era um representativo de dominação fabril e segregação, sendo comparada à relação feudal. Isso gerou, temporariamente adiante, politização (movimentos esquerdistas), greves populares, valorização do trabalho e união entre esta classe mantidos com interesses comuns

O Bairro São José, com a fábrica têxtil Ferreira Guimarães, representa esta forma de ocupação, uma vez que grande parte dos moradores do bairro, sobretudo no entorno da fábrica, eram operários da indústria têxtil.

O entendimento sobre a ocupação e expansão do território urbano é de fundamental importância para fundamentar as intervenções, prevenir e sanar eventuais problemas e projetar um melhor aproveitamento do espaço, pois o organismo urbano está em constante modificação, imposta pelos diversos atores que o compõe.

O surgimento de novos desafios, como a atual pandemia de COVID-19, demanda decisões emergenciais que podem ser mais bem embasadas com um pleno conhecimento da malha urbana, dos fluxos, concentrações, barreiras e toda a dinâmica que molda a vida na cidade.

A pandemia e os reflexos pós-isolamento são imprevisíveis, pois serão derivados de um novo comportamento social que ainda está sendo moldado. Os desdobramentos de um evento como esse terão enorme impacto em como pensar a cidade de agora em diante. Este é um momento ideal para a identificação de pontos vulneráveis e suas correções.

O entendimento da morfologia urbana possibilita identificar como se deu e dá a ocupação das áreas, como as pessoas se deslocam pela cidade, quais caminhos percorrem e por quê?

Da mesma forma, é possível compreender o que forma uma comunidade, sua identidade cultural e social, seus hábitos e costumes e atender de forma mais específica suas demandas, evitando a aplicação de esforços em pontos menos urgentes ou relevantes.

Os estudos acadêmicos são fundamentais para que o pensamento científico se torne parte do cotidiano da população em geral, deixando as salas de aula e laboratórios e trazendo um impacto real na vida das pessoas.

Através de parcerias entre o Poder Público e as Instituições de Ensino e Pesquisa, estudos nas mais variadas áreas resultam em políticas públicas que visam melhorias de curto, médio e longo prazo na vida da população. O UNIPAC e a Prefeitura de Barbacena possuem um histórico de parcerias e a morfologia urbana caminha para se tornar parte dessa união em conjunto com a SEMAS – Secretaria Municipal de Assistência Social.

A arquitetura e o urbanismo são, sem dúvida, áreas carentes de atuação social, sobretudo em Barbacena, onde a oferta de profissionais da área ainda é pequena. Falta ainda conhecimento à população, tanto da profissão, quanto da legislação vigente sobre a construção civil. Desse modo, orientar e conscientizar é fundamental para que haja uma ocupação racional do território, facilitando a implantação de políticas públicas e resultando em um ambiente urbano mais agradável e funcional para todos.

Contudo, tais mudanças não são realizadas de imediato. São medidas constantes que precisam ser tomadas para que se atinja essa meta final. Sendo assim, é determinante a manutenção dos estudos e das políticas públicas, do contrário, o risco é o desperdício de tempo e recursos e o agravamento de problemas.